

Coringa, subsolo e rizoma: uma aproximação filosófica a *Batman – O Cavaleiro das Trevas*

¹Lázaro Barbosa e ²Maria Helena Braga e Vaz da Costa

¹Bolsista PIBIC/CNPq, ²Professora Orientadora do Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo:

Um dos mais estrondosos sucessos de bilheteria cinematográfica de todos os tempos, *Batman – O Cavaleiro das Trevas*, dirigido por Christopher Nolan, também fornece elementos para se pensar os limites da racionalidade humana. Proponho aqui uma análise fílmica com base na crítica à matematização do homem em Fiódor Dostoiévski, bem como o conceito de rizoma desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, associando ainda alguns debates éticos e demonstrando que Batman lida com o Coringa da mesma forma que nós lidamos com nossa época.

Palavras-chave: rizoma, subsolo, cinema de ação

Abstract

One of the highest grossing films ever, *The Dark Knight* (Christopher Nolan, 2008), provides some food for thought regarding the limits of human rationality. I propose a film analysis based on the critique of human mathematization in Fyodor Dostoyevsky, as well as the concept of rhizome developed by Gilles Deleuze and Félix Guattari, in addition to associating ethical debates and demonstrating that Batman deals with the Joker in the same way as we deal with the times in which we live.

Keywords: rhizome, underground, action film

Introdução

Batman – O Cavaleiro das Trevas (Christopher Nolan, 2008) é um desses filmes que aliam um roteiro bem amarrado a um sucesso estrondoso de bilheteria, na medida em que atraiu um vasto público de diversas faixas etárias e interesses, obtendo com eles um dos maiores rendimentos de todos os tempos. No entanto, ele também apresenta dilemas e aporias bastante pertinentes à época atual; em grande medida, o comportamento de personagens como Coringa (Heath Ledger), Harvey Dent (Aaron Eckhart) e o próprio Batman (Christian Bale) traduz certas tendências do pensamento recente, no que concerne a debates filosóficos, bem como dos indivíduos em sua vida prática. Em geral, a tônica é dada por um forte processo de transformações na racionalidade humana. Neste contexto, onde se encaixam os referidos personagens? É disso que trataremos neste texto, baseando-nos em Dostoiévski, Deleuze e Guattari, considerando a crítica do padrão racional e representacional do pensamento filosófico que empreenderam. Mesmo separados no contexto histórico (Dostoiévski viveu e produziu suas obras no século XIX, ao passo que Deleuze e Guattari são recentes), desejo entrelaçar suas idéias e, a partir delas (em especial o rizoma de Deleuze e Guattari e a crítica da matematização da existência humana em Dostoiévski), desenvolver a análise fílmica de *Batman – O Cavaleiro das Trevas*.

O enredo

À primeira vista, *Batman – O Cavaleiro das Trevas* possui um enredo genérico, comum a tantos outros filmes de ação com os quais estamos habituados. Dando continuidade a *Batman Begins*, também dirigido por Christopher Nolan, a tarefa do homem-morcego agora é capturar o Coringa, que começou a chamar a atenção logo após a derrota do Espantalho/Jonathan Crane (Cillian Murphy) e Ras Al'Ghul (Liam Neeson). Agora, ele conta com a colaboração do promotor Harvey Dent, tão sequioso quanto ele por justiça e pelo fim da criminalidade alta em Gotham City, além da advogada Rachel Dawes (Maggie Gyllenhaal), do tenente Jim Gordon (Gary Oldman), de Lucius Fox (Morgan Freeman) e do mordomo Alfred (Michael Caine) (que terá,

como veremos, um importante papel na solução de como capturar o ex-interno de Arkham). Coringa, por sua vez, convence (ou melhor, chantageia) os grandes chefes do crime organizado na cidade a pagarem para ele matar Batman; com o desenrolar da trama, entretanto, vemos que seu propósito é inteiramente outro: *Vocês só pensam em dinheiro. Esta cidade merece uma classe melhor de criminosos, e é o que darei a ela. Esta é a minha cidade agora. Diga a seus homens que trabalham para mim*¹. A seguir, mata o Checheno (um dos criminosos, e que aparece no início do filme já negociando com Crane), enquanto Dent, já pervertido pelo antagonista, assassina o detetive Wuertz (Ron Dean) e Sal Maroni (Eric Roberts), este último também chefe do crime organizado. Contudo, o fim do filme não dá apenas margem à sequência: além de capturar Coringa, Batman ainda precisa evitar que Dent mate Gordon (então promovido a comissário) e sua família, para ainda passar por criminoso após o suposto assassinato do promotor de Gotham – o que lhe renderá a perseguição da polícia no próximo filme, muito embora ele tenha querido que as coisas acabassem dessa maneira. *É o herói que Gotham merece... mas não o que ela precisa agora* – afirma Gordon, em off, ao final da película.

Do subsolo ao rizoma

Antes de retornar ao filme, cabe apresentar alguns autores: Fiódor Dostoiévski com *Memórias do Subsolo* (DOSTOIÉVSKI, 2000) e Gilles Deleuze e Félix Guattari com *Mil Platôs* (DELEUZE e GUATTARI, 1995). O ponto comum a estes trabalhos é, como sugerimos acima, a crítica ao padrão racional e representacional do pensamento. A diferença é que, enquanto Dostoiévski apenas esboça a crítica, Deleuze e Guattari fornecem um método, uma orientação para se pensar alternativamente ao discurso filosófico tradicional. Em *Memórias do Subsolo*, Dostoiévski ridiculariza as ciências sociais que nasciam no século XIX influenciadas pelo positivismo e que, devido a seu intento matematizador, terminavam por transformar o ser humano em simples engrenagem; seus simpatizantes, simbolizados pelas figuras do homem de ação (capitalismo civilizado) e do homem da natureza (Rousseau), sofrem os ataques do homem do subsolo, aquele que se recusa a aceitar tal lógica, apontando o que ela

¹ Todas as falas em *Batman – O Cavaleiro das Trevas* aqui reproduzidas foram livremente traduzidas do roteiro original do filme, disponível para consulta na Internet (cf. bibliografia *infra*).

negligencia: a liberdade e o desejo humanos.

Seus opositores tentam, continuamente, argumentar que ele apenas faz jogos de palavras e que suas críticas são incoerentes e absurdas, pois não vêem em que medida tal projeto científico esquadrinha e elimina a dimensão irracional da vida humana; o homem do subsolo avança por sua vez na direção oposta, não negando o valor do pensamento racional, mas se recusando a viver de acordo com as leis da natureza. “Que sabe a razão? Somente aquilo que teve tempo de conhecer (...), enquanto a natureza humana age em sua totalidade, com tudo o que nela existe de consciente e inconsciente, e, embora minha, continua vivendo” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 41). Prosseguindo com um exemplo mais extremado, ele assevera:

Realmente, eu, por exemplo, não me espantaria nem um pouco se, de repente, em meio a toda sensatez futura, surgisse algum cavalheiro de fisionomia pouco nobre, ou melhor, retrógrada e zombeteira, e pusesse as mãos na cintura, dizendo a todos nós: pois bem, meus senhores, não será melhor dar um pontapé em toda esta sensatez unicamente a fim de que todos esses logaritmos vão ao diabo, e para que possamos mais uma vez viver de acordo com a nossa estúpida vontade?! Isto ainda não seria nada, mas lamentavelmente ele encontraria sem dúvida alguns adeptos: assim é o homem (DOSTOIÉVSKI, 2000, pp. 38-39).

Conforme aludimos acima, o projeto de Deleuze e Guattari reside, por sua vez, na necessidade de articular um pensamento diferente da filosofia tradicional (de Platão a Hegel) e da psicanálise freudiana (já problematizada em *Anti-Édipo*), tendo a multiplicidade como divisa. Em *Mil Platôs*, eles partem do conceito de rizoma, tomado de empréstimo à botânica. O motivo é que o rizoma comporta um pouco da multiplicidade almejada pelos pensadores, já que, embora subterrâneo, às vezes apresenta dimensões aéreas; serve como órgão de reprodução em algumas gramíneas ou armazena energia, à semelhança de um tubérculo, em outras. No entanto, Deleuze e Guattari ampliam esta definição, uma vez que se restringe a um tipo de caule; rizoma, então, passa ao status de ferramenta ontológica e pragmática de análise (BORGES e CABRAL, 2009).

Um rizoma não tem um ponto de partida ou de chegada, assemelhando-se antes ao processo, ao meio do caminho que os conecta; segundo os autores, possui as seguintes características (“aproximativas”, de acordo com eles) (DELEUZE e

GUATTARI, 1995, pp. 15-25): 1) conexão e heterogeneidade, que lhe permitem relacionar e conectar diferentes estados de signos (e não signos) e de coisas, de modo que estados linguísticos estão associados, por exemplo, a estados políticos, econômicos, biológicos e assim por diante; 2) multiplicidade, que remete à mudança de estados e dimensões de um rizoma quando este se conecta a outros, nunca se deixando determinar em termos de pontos ou posições; ruptura a-significante, segundo o qual “um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (DELEUZE e GUATTARI, 1995) – em outras palavras, é da natureza do rizoma (re)organizar-se livre e ininterruptamente; 3) cartografia e decalcomania, que correspondem, respectivamente, ao mapa e ao decalque – um rizoma funciona como um mapa desmontável em suas partes, aberto, reversível, e dotado de múltiplas entradas, ao passo que o decalque caracteriza um modelo fixo, com finalidades determinadas e fechado em si mesmo; 4) não se opõem entre si, pois é perfeitamente viável realizar um decalque de um mapa, com o cuidado de lembrar que o primeiro não é fiel ao segundo, sempre algo lhe escapa – dado que a lógica do decalque e da cartografia é a de mera reprodução, de algo que já se dá feito (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

Dostoiévski, Deleuze e Guattari participam, assim, do grupo de pensadores da “diferença”, buscando superar o pensamento da identidade mais do que simplesmente se lhe opor. Com as ferramentas conceituais por eles oferecidas, podemos dar continuidade e executar a análise de alguns personagens de *Batman – O Cavaleiro das Trevas*.

“O caos é justo”

Voltando ao filme, podemos afirmar, com base no explanado acima, que a resolução do conflito entre Coringa e Batman depende estreitamente de uma mudança de posição deste último, no que concerne tanto à estratégia quanto às motivações envolvidas em ambos os personagens. Em termos dostoiévskianos, Batman deve deixar de se comportar como um homem de ação, organizando planos para capturá-lo. O primeiro a perceber isso, no entanto, é seu mordomo Alfred: associando o atual vilão a um ladrão em Burma, que jogou o produto do roubo pela floresta afora – pedras preciosas, entre as quais um rubi do tamanho de uma tangerina! –, assevera: *Alguns*

*homens apenas desejam ver o circo pegando fogo. Mais à frente, o próprio Coringa conversa com Dent, já com o rosto deformado pelas queimaduras ao ser resgatado por Batman e ainda no hospital: Sou um cachorro caçando carros... Não saberia o que fazer com um se pegasse. Foram os que faziam planos que te meteram aqui. Você fazia planos. Olhe aonde isso te levou. (...) Introduza um pouco de anarquia, sobrecarregue a ordem e tudo se torna caos. Eu sou um agente do caos. E sabe qual a verdade sobre o caos, Harvey? **É justo** (grifo nosso).*

Como o próprio Dostoiévski pondera, o mérito de um homem, tal qual engenheiro, não é iniciar e concluir caminhos, e sim admitir que eles são sempre abertos, não importando aonde o levem (DOSTOIÉVSKI, 2000). Coringa, portanto, se define pela segunda opção, levando ao extremo o que os demais criminosos só fazem até a metade (*data venia* ao pensador russo!), surgindo imprevisível e aterrorizante. Suas artimanhas desconcertam as investigações policiais e, quando parecia estar sob controle, consegue render um policial e fugir da delegacia, a fim de preparar um plano ainda mais ambicioso para a captura de Batman. Essa audácia não se resume apenas ao nível técnico, mas se traduz notavelmente no nível psicológico. Coringa joga com os sentimentos dos investigadores e do próprio Batman, e é mexendo com “essas pequenas emoções” que obtém um trunfo.

É então, após a morte de Rachel Dawes (e antes do diálogo, bastante instrutivo, entre Harvey e o Coringa), que Batman pergunta a Alfred se o ladrão em Burma foi capturado. A resposta do mordomo: *Queimamos a floresta inteira*. Alfred aqui parece seguir de perto a lição de *Mil Platôs*, na medida em que sua perspectiva se diferencia daquela esperada da parte de um “bom cidadão”: isto é, manter a ordem e causar o mínimo de prejuízos. Numa conjuntura em que o sujeito tradicional é rechaçado como ficção teórica – Coringa aderindo a essa perspectiva, encarnando o ideal da ausência de identidades demarcadas, pois não possui nome nem documentos, nem mesmo uma biografia definida; ele provoca seus interlocutores, por exemplo, sobre a origem de suas cicatrizes, e não oferece uma única versão –, as dinâmicas humanas percebem mudanças intensas.

Retomando a temática do rizoma, o que Batman precisa fazer é elaborar um rizoma que se sobreponha ao do Coringa: não fazendo planos ou investigando com a polícia sobre onde o vilão poderia estar, mas neutralizar suas linhas de fuga,

descobrimo como seguir seus passos sem ser notado. Com efeito, quando Coringa anuncia sua chantagem dantesca para supostamente livrar algumas vidas (milhares de cidadãos, em duas balsas carregadas de explosivos, devem decidir qual delas será eliminada, sendo que o controle remoto em uma balsa aciona as bombas de outra; no entanto, ambos os grupos de reféns se recusam a detoná-las, e Batman alcança Coringa logo a seguir), ao mesmo tempo em que embosca os policiais em um prédio e os disfarça como seus capangas e os capangas, de reféns – com efeito, Batman incendeia a selva urbana *noir* chamada Gotham. Utilizando os celulares de todos os habitantes como sonar e com a ajuda de um computador e da tecnologia implementada por Lucius Fox, Batman visualiza tudo o que acontece ali; saindo em busca do Coringa, é auxiliado por Fox, que permanece na sala rastreando e observando todos os passos do criminoso. O risco de ser preso – afinal de contas, usar celular alheio sem permissão é, no mínimo, mal-educado, para não dizer invasão de privacidade! – não existe, pois assim que Lucius Fox digita seu nome após a captura do Coringa o computador é destruído.

Lidando com a insegurança

Há muitos anos, o filósofo e escritor Albert Camus estabeleceu a identidade entre a vida e o absurdo, ressaltando que fazer viver o absurdo é encará-lo. O problema é que o absurdo hoje em dia é mais agudo que uma tarefa de Sísifo, pois ninguém mais indica para onde devemos rolar a pedra. *Batman – O Cavaleiro das Trevas* é um filme inconcluso a tal respeito, não apenas por deixar um gancho aberto para a seqüência como também pelos próprios debates que suscita e as soluções que esboça. Na qualidade de esboços, elas só podem ser provisórias. Coringa personifica o medo do subsolo e do rizoma: o fluxo permanente e fragmentário dos eventos sociais nos deixa mais perdidos que cego em tiroteio, para lembrar um conhecido e atualíssimo adágio. Desmantela nossas certezas. Ao fazê-lo, no entanto, ele nos mostra o quanto tais certezas são insuficientes e precárias, pondo-nos diante do abismo assustador que elas encobrem: as perversões que mantemos reservadas em diários ou desgovernadas em nosso íntimo, o enfraquecimento dos laços afetivos, a flexibilização das relações de trabalho – numa palavra, o medo de que os eixos da racionalidade humana cedam a nossos puros caprichos.

Alguém poderá argumentar, contudo, que o episódio das balsas, malgrado seu caráter extremo, aponta para uma vontade ainda persistente em manter um mínimo de estabilidade necessária à sobrevivência humana. De fato, a chantagem do Coringa nos lança um problema ético: é aceitável assassinar uma parte dos cidadãos reféns para assegurar a sobrevivência da outra parte? Ele lembra o problema do trem elétrico, apresentado por Phillipa Foot (apud NAHRA, 2008)²: um vagão se descarrila e está prestes a atropelar cinco pessoas que estão sobre os trilhos, e a única forma de salvá-las é puxar uma alavanca que desviará o vagão para o lado, embora ele mate uma delas. Outro problema semelhante, também envolvendo um vagão descarrilado e cinco pessoas sobre os trilhos, difere pelo fato de que, para salvá-las, devemos empurrar um estranho de modo que ele caia sob os trilhos, matando-o. Em uma pesquisa realizada por Marc Hauser (apud NAHRA, 2008), 90% das pessoas entrevistadas se mostraram favoráveis a puxar a alavanca, contra 10% favoráveis a empurrar o estranho.

Estes dois problemas, assim como o primeiro lançado pelo Coringa, mostram, todavia, que nossos julgamentos morais (bem como os de ordem axiológica, cultural, econômica, e assim por diante) estão longe de possuírem uma fundação sólida. Quando Batman alcança o Coringa, ouve do vilão que ele possui um ás na manga: Harvey Dent. Em termos deleuzianos, Dent faz rizoma com Coringa, possibilitando a continuidade do projeto caótico do vilão. A atitude de Dent (a essa altura já transformado em Duas Caras) também encontra repercussão na afirmativa dostoiévskiana de que o ser humano, mesmo não sendo estúpido, é "monstruosamente ingrato" (DOSTOIÉVSKI, 2000), significando com isso que a única coisa a que o ser humano obedece é seu livre capricho e vontade, mesmo que isso lhe renda a pecha de irracional.

No fim das contas, Batman só pode constituir-se como um exemplo a ser seguido, e não como um guia; sua solução (após capturar o Coringa, deixar que Duas Caras caia de um prédio para livrar Jim Gordon e sua família, alvos da fúria do justiceiro) é de tal maneira provisória e instável que o obriga a passar por criminoso. O cavaleiro das trevas, conquanto mantenha a vontade de livrar Gotham dos perigos da criminalidade, percebe que, para isso, precisa viver na contingência – o herói que

² Cíara Nahra (2008) apresenta uma introdução à neuroética, traçando diálogo com as filosofias de Kant e Mill, bem como os desdobramentos dos problemas aqui expostos. Apesar de eles terem sido formulados por Phillipa Foot, a neuroética enquanto campo de estudo é recente, datado em 2002 a partir dos estudos de Adina Roskies.

Gotham merece, mas não precisa agora, deverá lidar com a imagem de vilão que se impôs ao final da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATMAN BEGINS. Direção: Christopher Nolan. Produção: Larry J. Franco, Charles Roven e Emma Thomas. Warner Bros., 2005, 134 min.

BATMAN – O CAVALEIRO DAS TREVAS. Direção: Christopher Nolan. Produção: Christopher Nolan, Charles Roven e Emma Thomas. Warner Bros., 2008, 152 min.

CABRAL, Cléber e BORGES, Diogo. Rizoma: uma introdução aos Mil Platôs de Deleuze e Guattari. **Crítério**, Santos, n. 4, 2005. Disponível em: <<http://www.revista.criterio.nom.br/artigo-rizoma-mil-platos-deleuze-guattari-diogo-borges-cleber-cabral.htm>> Acesso: 06 mai 2009.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Tradução. Aurelio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 1.ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Tradução Boris Schnaiderman. 3.ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

NAHRA, Cinara. O que é Neuroética? In: SEMANA DE HUMANIDADES, 16, 2008, Natal. **Anais da XVI Semana de Humanidades**. Natal: UFRN, 2009. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT04/Oqueeneuroeticasemanadehumanidades2008.pdf>> Acesso: 08 mai 2009.

The Dark Knight. Disponível em: http://warnerbros2008.warnerbros.com/assets/images/TheDarkKnight_Script.pdf
Acesso: 07 mai 2009.

Lázaro Barbosa

Endereço eletrônico: lazaras.ufrn@gmail.com

Base de pesquisa: Linguagens da Cena: Imagem, Cultura e Representação

Endereço postal: Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Universitário, Natal/RN, 59078-970, Brasil